

Os Quadros Sociais De Referência Apropriados pelos Usuários da (Nova) Direita Militante no Facebook e no Twitter¹

Gabriela Ribeiro Amorin²
Karol Natasha Lourenço Castanheira³

Universidade do Estado de Minas Gerais, Frutal, Minas Gerais

Resumo

Objetiva-se nesta pesquisa investigar os quadros sociais de referência apropriados pelos usuários da (nova) direita militante no Facebook e no Twitter, mais especificamente, na página do Movimento Brasil Livre (MBL), a fim de identificar a articulação do discurso envolvendo tanto o Partido dos Trabalhadores, seus principais nomes e algumas de suas pautas. Como metodologia o trabalho recorre à análise de enquadramento a partir de duas categorias centrais: tipificação do sujeito e categorização do fato. Além destas, outras categorias como quantidade de compartilhamentos e filtros de vinculação foram utilizadas para posicionar as postagens quanto à temática e à sua repercussão.

Palavras-chave

Nova Direita; Enquadramento; Tipificação do Sujeito; Categorização do Fato; Quadros Sociais.

INTRODUÇÃO

O modelo de Laswell parece permear ainda os focos de investigação da pesquisa em comunicação atribuindo cada vez mais especificidades aos elementos comunicativos, regidos pelo emissor, canal, mensagem, receptor ou efeitos de audiência. Novas teorias e métodos com maior habilidade em conectar esses elementos e relacioná-los com outras áreas do conhecimento buscam em contrapartida observar os objetos comunicativos a partir do seu entorno oferecendo suporte para pensar a comunicação como um processo.

Essa tentativa epistemológica de observar as mediações e não as mídiatizações gera ainda diversos conflitos, como pode ser mais bem avaliado por Laan (2009) a partir do debate entre os professores Luiz Martino e Lucrécia Ferrara, em agosto de 2007, no

¹ Trabalho apresentado no IJ 8- Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XXIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de junho de 2019.

² Graduada em Jornalismo na Universidade do Estado de Minas Gerais. Bolsista pelo Programa Institucional de Apoio à Pesquisa da UEMG - Papq / UEMG.

³ Orientadora do trabalho. Doutora em Comunicação pela Unesp e Docente do curso de Jornalismo da Universidade do Estado de Minas Gerais.

seminário de pós-graduação em comunicação na Faculdade Cásper Líbero. “Martino propunha maior especificidade na definição do objeto de estudo da comunicação e advertia para o perigo da dispersão quando a abordagem se dá em uma perspectiva interdisciplinar, sustentada no empréstimo de teorias de outras áreas” (LAAN, 2009, p.86). Ferrara, por sua vez, se opunha a uma delimitação estreita do objeto de estudo restrita ao universo midiático. Para ela, “não se pode reduzir toda mediação ao território da mídia (...) trabalhar a epistemologia da comunicação vinculando-a, exclusivamente, à característica midiática da comunicação, é reduzir o objeto” (apud op.cit, p.87).

Parte-se de antemão nessa pesquisa de uma proximidade com a perspectiva de Ferrara em desprender-se da linha tradicional ou conservadora das pesquisas em comunicação. Instiga-se a necessidade de elucidar os interstícios de poder entre instituições e práticas, práxis profissional e práticas sociais, olhar o meio para além das suas vinculações políticas e econômicas ou puramente pensar em análises das práticas interpretativas das audiências mediante procedimentos textualistas. Pretende-se, portanto, levar a pesquisa em comunicação sua condição de área com objetos vívidos, sociais, amparada em seu contexto sócio-histórico.

O movimento em olhar a comunicação na sua interface social em momentos históricos se faz necessário principalmente em momentos de crises, como é o caso atual do Brasil. O *impeachment* da presidente Dilma Rousseff e os diversos escândalos envolvendo políticos e empresários na Operação Lava Jato intensificaram o clima de instabilidade política e econômica, o que abriu espaço para a circulação de discursos com conotação de ódio e intolerância. A eleição de 2018 contribuiu ainda mais para a polarização de discursos extremistas, que passaram a ser, inclusive institucionalizados por meio do presidente Jair Bolsonaro e parte de seus ministros, como a da ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damares Alves. O extermínio ao comunismo, a noção conservadora e cristã como diretriz de conduta em sociedade, dentre outros apelos e censuras, principalmente no campo artístico, redesenhou uma onda reacionária no país. Nesse sentido, como o discurso de ódio produz sentido nas postagens dos usuários do MBL? Quais quadros são acionados para estabelecer vínculos e pertencimentos com outros usuários? Esta onda reacionária foi classificada por Wilson Gomes, em uma palestra na Fapcom de 2017, como uma “nova” direita no Brasil, marcada pela militância não pela reivindicação de direitos próprios, mas pela destituição do direito do outro.

Optou-se por pegar emprestado o termo de Wilson Gomes como nova direita, não no seu sentido paradigmático de ruptura, porque de fato não há inferência de um processo de ruptura no Brasil, nem mesmo nos 14 anos de governo petista. Mas, no sentido de ação e mobilização dessa direita que não se dá pelos mecanismos tradicionais dos movimentos (neo) liberais. Um fato interessante é que a militância, como uma estratégia de luta tipicamente de esquerda, passou a ser adotada também por essa direita que, inclusive, tem ocupado os espaços historicamente “pertencentes” aos movimentos de esquerda. As ruas, por exemplo, foram sendo ocupadas pelo Movimento Vem pra Rua, cujo especial foco era a deposição da então presidente Dilma Rousseff. Essa ocupação do espaço público se dá tanto nos ambientes físicos como, principalmente, nos ambientes digitais, outro elemento novo de articulação dessa direita-militante.

Portanto, ao observar empiricamente as redes sociais observa-se a configuração de uma (nova) direita, não em ideais, mas em movimentos e em articulação, que se apropria da crise para buscar novas agendas políticas, permeadas por um discurso exclusivista, intolerante e até mesmo reacionário. Discursos de ódio passaram a atribuir sentido a realidade dentro dos ambientes *on e off line* e isso pode ser vinculado a um segundo movimento que está em circulação na sociedade, o antipetismo, no qual circunscreve não uma posição contrária apenas ao Partido dos Trabalhadores, mas engloba dentro de um único universo simbólico os comunistas, socialistas, simpatizantes e militantes de esquerda, republicanos, dentre qualquer outra variação que não seja norteadas pelos princípios liberais. Ou seja, qualquer tentativa de crítica ao capitalismo e às políticas neoliberais são enquadradas, muitas vezes, dentro de um quadro de referência social maior, que é o antipetismo.

Nesse sentido, algumas perguntas foram sendo feitas para pensar este projeto de pesquisa, que tem como objetivo principal investigar a produção de sentido por meio do discurso dos usuários-militantes do Movimento Brasil Livre no Facebook e no Twitter a fim de identificar os quadros de referência dessa (nova) direita. As questões centrais são: quais princípios norteiam os discursos antipetistas? Por que a direita com fundamentação extremista vem ganhando corpo na esfera pública? É possível produzir inferências do discurso proferido com os acontecimentos recentes de governança que vem solapando o país? Há uma produção negociada dos sujeitos sociais ou uma leitura preferencial dos interesses ideológicos dominantes na construção discursiva desses usuários em rede?

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:

Este projeto utiliza da teoria do enquadramento, que é capaz de oferecer subsídio para análise quanto à organização social da produção de sentido. Busca-se identificar os quadros sociais de referência que sustentam a interpretação e o espaço de sentido produzido pela direita na esfera pública, para tanto, optou-se por duas categorias de análises: a tipificação do sujeito⁴ e a categorização do fato. A primeira oferece mecanismos para especificar qual identidade está sendo imputada pelo usuário para se referir aos personagens de esquerda da política brasileira, tendo como foco especial o Lula e a Dilma. Já a categorização do fato busca nos próprios elementos discursivos a ênfase, a seleção e a exclusão de informações que direcionam a produção do sentido. Ou seja, a tipificação contribui para a significação da identidade e a categorização do fato para estruturação discursiva e simbólica (ênfase, seleção e exclusão) do acontecimento.

Neste sentido, a pesquisa verifica de que maneira a página do Facebook do MBL – Movimento Brasil Livre – enquadra assuntos referentes ao Antipetismo, especialmente no que diz respeito à tipificação do sujeito e à categorização do fato. Além disso, foram desenvolvidas também outras categorias de análises como:

- a) Data: Data da publicação, para análise do contexto que se está inserido – período eleitoral, pós eleição, prisão do ex presidente Lula, entre outros, para melhor análise do enquadramento.
- b) Filtro de vinculação: Temáticas que estão relacionadas as publicações, para melhor compreensão: eleições 2018, prisão do ex presidente Lula, impeachment da presidente Dilma, candidatura de Fernando Haddad, tempo do PT no governo são alguns exemplos da análise.
- c) Compartilhamentos: É importante ter uma base de números de compartilhamentos no Facebook e retweets no Twitter para uma análise de circulação quantitativa.
- d) Título da postagem: Análise do discurso e conteúdo que contém as postagens, com imagens, vídeos e teor das críticas, muitas com falta de argumentação e palavras de baixo calão.

⁴ A tipificação do sujeito faz referência à forma como a notícia se refere aos personagens do acontecimento e surgiu a partir de outro conceito, denominado itens de observação, presentes na literatura sobre enquadramento.

DESENVOLVIMENTO E ANÁLISE

O movimento da nova direita brasileira, com uma linha conservadora e neoliberal, se sustenta contrário aos argumentos utilizados pelo Partido dos Trabalhadores (PT) e de ações pontuais, como ampliação de vagas nas Universidades públicas pelas cotas raciais e sociais; criação de programas sociais como o Bolsa Família, programas de inserção nas Universidades como SISU, Prouni e FIES – este último de financiamento- apoio e fomento à políticas públicas a comunidade LBTQI+. Ataques não somente a estas políticas públicas, mas também a programas como Lei Rouanet, apresentações teatrais com protagonistas transsexis ou exposições de arte que exploram a temática do corpo foram e são corriqueiros atualmente. Sendo assim, o movimento antipetista não consagra apenas a oposição ao PT, mas ao sentido ao qual o partido e a esquerda projetam, principalmente sobre a questão dos direitos humanos.

O antipetismo não considera informações nem argumentos, a não ser aqueles que confirmam ou possam ser usados para confirmar os seus pontos de vista prévios. O antipetismo é dogmático: não hesita, não faz distinções, não concede, não considera pontos de vista nem valores alternativos. Mas a peça de resistência do antipetismo é a corrupção. O tema entrou na roda por volta de 2005 e não saiu mais do repertório. Corrupção é um coringa: fácil de usar e produtor de consensos imediatos. Criticar cotas sociais faz do crítico, imediatamente, um conservador. Tirar onda dos malvestidos em aeroportos, das babás impertinentes ou anotar, com sinceridade, como médicas cubanas são a cara das nossas empregadas domésticas, faz do crítico um portador de preconceito de classe, e produz uma onda adversária de desprezo social. Mas, corrupção, não. A palavra indica a mudança de estado de coisas e pessoas, do positivo para o negativo: corrompe-se o que era puro, íntegro, perfeito. No cristianismo, é uma palavra religiosa: queremos a pureza, a corrupção nos tenta o tempo inteiro (GOMES, 2014, internet).

Para funcionar politicamente, bastava decidir que o PT inventou a corrupção no Brasil e se tornou um mestre nesta arte. Para alimentar a ideia, é basta enquadrar qualquer escândalo político na chave da corrupção. Nepotismo, clientelismo, prevaricação, advocacia de interesses privados, conluio, desvio de dinheiro público, apropriação indébita, infidelidade conjugal... tudo é corrupção. A diáde escândalo-corrupção se firmou definitivamente. A falta de informação sobre a história do sistema e das instituições da política brasileira (um pouco de Raimundo Faoro ou de Sérgio Buarque de Holanda) seria um bom inibidor dessas certezas, mas estudar pra quê? Todo mundo sabe que os governos do PT são os mais corruptos da história e que o antipetismo é uma força moralista e restauradora da integridade e da pureza da política. Eis o dogma. (GOMES, 2014, internet)

Como citado por Wilson Gomes, alguns fatores como a falta de conhecimento e informação sobre a história do sistema – também seja ele do governo presidencialista traz uma pré argumentação dos eleitores que a maioria dos problemas da economia e desenvolvimento e a corrupção estão filiadas ao PT.

O Brasil, não se pode esquecer que no contexto do capitalismo mundial, se estruturou sob a base colonizadora e escravocrata produzindo uma das sociedades mais desiguais e violentas do mundo. As desigualdades, sejam elas de quais ordens forem e que se tornam mais nítidas nessa contemporaneidade do século XXI, continuam a resultar em processos de dominação das classes dominantes a fim de manterem seus privilégios. Do ponto de vista da cultura, a incorporação do antipetismo por diversas classes sociais e dos sujeitos sociais se estratificam não somente de cima para baixo, mais principalmente de baixo pra cima, cujo intuito não perpassa necessariamente a lógica de privilégios, mas carrega traços do machismo, autoritarismo e das instâncias moralizantes, principalmente das igrejas (católicas e neopentecostais), afinal “a intervenção religiosa no sistema político não é um fenômeno recente no país e carrega traços do período colonial, com forte apelo à cristandade como princípio fundamental de conduta e moralidade como marcadora cultural do que é certo e errado, justo e injusto” (C.f CASTANHEIRA, 2018, p.57).

Dessa forma o conservadorismo de inúmeros grupos, especialmente os das elites empresariais e dos políticos-religiosos interferem diretamente na política nacional. São setores do país que se sentem incomodados com a postura de uma busca de igualdade de oportunidades para as minorias e os setores da sociedade que são menos favorecidos.

Uma questão importante na análise da influência das mídias – sejam elas as mais tradicionais ou as mais contemporâneas – é a influência do veículo na vida do usuário, ou consumidor dessa mídia. Umberto Eco, na obra de “Apocalípticos e Integrados”, chama de massa de manobra.

De acordo com Eco (1964), não há contestação dos fatos para as pessoas que são denominadas massa de manobra. O vínculo entre a identidade de ideias do veículo para com o consumidor não permite que ele duvide daquilo que está consumindo e aceite como verdade absoluta. Com as táticas de marketing e união aos fatores de manipulação, o número de pessoas que são conduzidas pelas ideias dos veículos de comunicação é cada vez maior. A relação entre manipulação, mídia e política é muito mais densa. Esta pesquisa, não concorda com esta visão determinista dos meios na percepção dos sujeitos

sociais, mas reconhece que a mídia atua como propriedade estruturante de sentido na vida moderna, capaz de “potencializar o fato”, atribuindo e construindo valores a ele, capaz de organizar o que deve ser falado e como deve ser falado. O contrato de comunicação (CHARAUDEAU, 2006) estabelecido entre jornalistas e a sociedade, o qual confere a estes a legitimidade e credibilidade à informação contribui para a produção de um regime de verdade (FOUCAULT, 1999).

Os administradores da página do MBL focam em temáticas que mais chamam a atenção e têm interesse dos seus seguidores, imagem de fortalecimento do conservadorismo brasileiro – também vinculado à temas da permanência da família tradicional – que segundo eles, estava se perdendo com as formações de novos conceitos de famílias, incluindo adoção de crianças por casais homossexuais.

Outro ponto interessante para análise é sobre a inclusão de membros do Movimento Brasil Livre na política nacional. Alguns deputados do Movimento estão compondo o Congresso e o apoio ao presidente Jair Bolsonaro, que se intensificou no 2º turno durante o processo eleitoral são alguns fatores representativos, que fomentam e ganham visibilidade a partir da destituição do outro, especificado aqui ao universo simbólico do PT.

O antipetismo possui como uma das suas características o discurso de ódio. Essa atmosfera se aproveitou da onda conservadora consolidada após as manifestações de 2013 – intitulado como o movimento “Vem Pra Rua”, passando pelas eleições presidenciais de 2014 e estimulada pelos movimentos que pediam o *impeachment* da presidente Dilma Rousseff.

O movimento teve início no Brasil com a iniciativa denominada *No Indoctrination* dos Estados Unidos que tem como possível apartidarismo para questionar e denunciar as posturas dos docentes em sala de aula (AQUINO, 2016). Os defensores do projeto emitem mensagens de certeza e sugestões de ideias que inicialmente possuem as aparências de serem neutras, mas que em contrapartida, omitem um discurso persecutório, dominador e violento.

Alguns outros movimentos criados nas Redes contra a candidatura de Jair Bolsonaro também tiveram algumas de suas páginas hackeadas. O “#EleNÃO” e “Mulheres contra Bolsonaro” são alguns exemplos. Algumas páginas do Facebook tiveram os nomes mudados para “Mulheres com Bolsonaro”, para que os seus seguidores mudassem os seus votos por seguir a página.

Dessa forma, a candidatura de Fernando Haddad, que representava o Partido dos Trabalhadores teria uma chance de se tornar mais impopular. Perante isso, a página da MBL se tornou mais agressiva nas suas postagens, que também seguindo a análise dessa pesquisa, vai seguir com alguns exemplos abaixo:

Página do Facebook

Optou-se dentre os itens de observação a exploração de duas categorias: tipificação do sujeito e a categorização do fato. A tipificação contribui para a significação da identidade e a categorização do fato para estruturação discursiva e simbólica (ênfase, seleção e exclusão) dos acontecimentos.

Data: 12/09/2018

Postagem: Urna na prisão e o direito de voto de Lula negado

Filtro de vinculação: Críticas e sarcasmo em relação ao ex presidente Lula

Compartilhamentos: 873

Tipificação do sujeito: Lula é tipificado como bandido

Caracterização do Fato: o Tribunal Regional Eleitoral não “dará moleza”



Crédito: MBL

Os sistemas de representação carregam em si uma relação entre cultura e significado, que ao enquadrar acabam por definir posições-de-sujeitos. No caso da postagem acima, a imagem das grades e do rosto preocupado reforçam o enunciado e definem o lugar e o não lugar do ex presidente, excluído de participar da vida política do país. Há outro sujeito no enunciado, o TRE colocado como um cumpridor da justiça, nesse momento o TRE se desloca de sujeito para atribuir à caracterização do fato uma condição moralizante em não dar condição especial a um presidiário.

Data: 13/09/2018

Postagem: Candidatura de Haddad

Filtro de vinculação: Crítica ao candidato pelo PT

Compartilhamentos: 1,6 mil

Tipificação do Sujeito: Haddad é tipificado como incompetente, mentiroso, membro de quadrilha, corrupto e ilegal.

Caracterização do fato: Presunção de Condenação a Haddad



Crédito: MBL

A posição-de-sujeito se constitui pela desqualificação de Haddad enquanto agente político do país. O discurso de ódio se manifesta a partir da simplificação da linguagem que não traz embasamento, contexto, dados ou fatos argumentativos para a produção do enunciado. Do ponto de vista comunicativo, a simplificação torna-se problemática, pois permite a formação na produção de sentido de vilões e heróis, condição frequentemente utilizada inclusive no jornalismo tradicional brasileiro (C.f. CASTANHEIRA, 2018) que se aproxima em termos de estrutura jornalística do noticiário norte-americano cunhado na ideia de “objetividade”.

Data: 13/09/2018

Postagem: Letra L formada pela ex presidente Dilma na foto

Filtro de vinculação: Crítica à ex presidente Dilma

Compartilhamentos: 4,3 mil

Tipificação do sujeito: Dilma não sabe se expressar

Caracterização do Fato: Desqualificação de Dilma



Crédito: MBL

Há uma disparidade na caracterização de Dilma e Lula, enquanto este a sua condição política é deslegitimada pela vinculação à corrupção, Dilma, por diversas vezes, teve a sua condição de sujeito social e até mesmo de mulher, desqualificada, seja por meio de adesivos, de livros sobre o Dilmês, pela sua capacidade de se expressar ou falar. A ideia da postagem que carrega o recurso da ironia e do riso, inclui de forma explícita linhas misóginas e depreciativas em lidar com o outro.

1- Página do Twitter

Data: 25/10/18

Assunto: Crítica à proposta do congelamento de gastos / Motivo que quebrou a PETROBRAS 168 retweets.

Twitte HADDAD: Este é um compromisso que faço com o povo brasileiro: a partir de janeiro do ano que vem, o Bolsa Família terá aumento de 20% e o preço do gás voltará a ser justo, sem ultrapassar os R\$ 49.

Twitte MBL: O Brasil já conhece a proposta do poste de presidiário de congelar preços - e foi essa proposta que QUEBROU a Petrobras. Foram 40 bilhões de prejuízo na época daquele outro poste que foi rejeitado pelo impeachment e nas urnas.

Tipificação do sujeito: Haddad é tipificado como poste

Caracterização do Fato: Congelamento de preços gera prejuízos econômicos

Data: 24/10/18

Assunto: Crítica ao PT

Twitte: Mano Brow acabando com o PT ontem na frente de Manuela e Haddad. Que Maravilhoso.

1,9 mil retweets

Tipificação do sujeito: _____

Caracterização do fato: Crítica ao PT em Comício Petista

Data 21/10/2018

Assunto: Fake News

Twitter: Não precisamos de Fakenews contra o PT. A verdade já é suficiente.

482 retweets

Tipificação do sujeito: _____

Caracterização do Fato: Fica subentendido que o PT criou a sua própria imagem.

Apesar da coleta de dados ter proporcionado diversos Twittes por uma questão de espaço optamos por apresentar apenas três neste artigo que indicam críticas ao PT. O primeiro Twitte resgata novamente a ideia de desqualificação do sujeito ao imputar a Haddad o termo poste, e, não só a ele, mas a Dilma também. O congelamento dos gastos, ação complexa dentro da economia, pelas diversas variáveis que podem interferir no resultado da intervenção econômica, deixa de ser problematizado e aponta como condição única da quebra da Petrobrás.

O segundo post, um dos mais retweetados, ironiza o comício petista em que publicamente Mano Brow faz críticas ao partido. O fato de ser uma celebridade a repercussão é ainda maior, mas mais uma vez não problematizada enquanto discurso.

Por fim, a última postagem poderia ser avaliada pela omissão da denúncia de produção de Fakenews na campanha de Bolsonaro, na suposta condição de uma verdade inquestionável sobre o PT, que opera em uma instância positivista e não do discurso e da construção social e exime outros envolvidos nos processos de investigação que há condenados petistas.

1. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As categorias de análises – tipificação do sujeito e categorização do fato – permitem pensar uma maior identificação do usuário militante de direita – que endossa o discurso anticorrupção enquadrando à luta, o combate ao PT. Pela escolha do período de análise se atentar aos meses de setembro e outubro por conta das eleições de 2018, o foco das mensagens recaiu de forma preponderante aos personagens centrais do Partido dos Trabalhadores, Dilma, Lula e Haddad fomentando ainda mais o antipetismo, que se apodera de um discurso maior em circulação que é o questionamento sobre os Direitos Humanos.

Com a expansão da tecnologia digital surgiram novas formas de sociabilidades e conexões que facilitaram, inclusive, a apropriação da tecnologia para movimentos sociais se organizarem e se projetarem no espaço público.

Partindo do pressuposto de que o controle da mídia e da produção simbólica é fundamental tanto para a capacidade de mobilização dos movimentos sociais quanto para influenciar a opinião pública e pressionar o sistema político, os movimentos sociais podem ter duas posturas distintas. A primeira é a de desenvolver repertórios de ação de forma a conseguir a atenção dos meios de comunicação massiva. A segunda é desenvolver os seus próprios meios de comunicação, na busca por definir e enquadrar suas demandas, investir nos potenciais alvos, organizar a ação coletiva e, por último, atrair a atenção dos meios massivos. Em ambos os casos podemos perceber a importância que é dada à mídia dentro dos movimentos sociais contemporâneos em sua luta por reconhecimento (PEREIRA, 2011, p. 10)

Nessa pesquisa, como caso especial, a página da MBL e o efeito dos argumentos antipetistas trazem uma tradução da insatisfação política do povo brasileiro – destacando uma parcela da população – seguidora da página no Facebook e do perfil do Twitter, que projeta em seus discursos quadros sociais excludentes, que resgatam o autoritarismo e o neocolonialismo vigente na formação histórica (dominante) do país.

Referências bibliográficas

AQUINO, R. “**Prof Watchlist**”: docentes norte-americanos também são perseguidos em meio a polarização política. Postado em 9 de dezembro de 2016. Disponível em: <https://professorescontraoescolasepartido.wordpress.com/2016/12/09/prof-watchlist-docentes-norte-americanos-tambem-sao-perseguidos-em-meio-a-polarizacao-politica/>. Acessado em 02/08/2018.

AGUIAR, Sônia. Redes Sociais na Internet Desafios na Pesquisa. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2007.

ARENDT, H. **Origens do totalitarismo**. Tradução de Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ARENDT, Hannah. A condição humana. 10ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

_____. **Eichmann em Jerusalém- um relato sobre a banalidade do mal**. São Paulo: Companhia das letras, 1999.

CASTANHEIRA, K. Tchau, querida”: os enquadramentos do Jornal Nacional no processo de impeachment. **Tese**. Programa de Comunicação. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. 2018.

DUARTE, J. Entrevista em profundidade. In: **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**/ Jorge Duarte, Antônio Barros, Organizadores. -2. ed. – reimpr. –São Paulo: Atlas, 2006.

DUARTE, J. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2ª Edição. Editora Atlas.

ECO, Umberto. “**Apocalípticos e integrados**”. Perspectivas. 1964

GOMES, W. Pressupostos ético-políticos da questão da democratização da comunicação. In: PEREIRA, C.A.M.; FAUSTO NETO, A. (Orgs.). Comunicação e cultura contemporâneas. Rio de Janeiro: Notrya, 1993. p. 47-94.

_____. **Transformações da política na era da comunicação de massa**. São Paulo: Paulus, 2004.

_____. Internet e participação política. In: GOMES, Wilson e MAIA, Rousiley C. M. **Comunicação e Democracia: problemas e perspectivas**. São Paulo: Editora Paulus, 2008.

_____. **O que é mesmo o antipetismo?** Disponível em: <https://www.facebook.com/wilson.gomes.9883/posts/o-que-%C3%A9-mesmo-antipetismofaz-um-tempo-j%C3%A1-que-venho-insistindo-que-o-antipetismo-/1536598156556546/>. Acessado em 05/11/2018.

_____. A tragédia eleitoral do antipetismo. **Revista Cult**. Disponível em <https://revistacult.uol.com.br/home/a-tragedia-eleitoral-do-antipetismo/>. Acessado em 09/10/2018

KELSEN, H. **A democracia**. Tradução de Ivone Castilho, et ali. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

MACRIDIS, R. **Ideologias políticas contemporâneas**. Tradução de Luis de Moura e Maria de Moura. Brasília: UnB, 1982.

MANIN, Bernard. As metamorfoses do governo representativo. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais** (RBCS). São Paulo, v.29, ano 10, outubro de 1995, p.5 -34.

PEREIRA, M. **Internet e mobilização política** – os movimentos sociais na era digital. Disponível em: <http://www.mobilizadores.org.br/wp-content/uploads/2015/08/Internet-e-mobiliza%C3%A7%C3%A3o-pol%C3%ADtica-%E2%80%93-os-movimentos-sociais-na-era-digital.pdf>. Acessado em: 09/09/2018

PORTO, M. Enquadramentos da mídia e política. In: RUBIM, A. A. C. (org.). **Comunicação e política: conceitos e abordagens**. São Paulo: Unesp; Salvador: Edufba, 2004, p. 73-104.

ROTHBERG, D. **Informação de diagnóstico, democracia e inclusão digital**. Liinc em Revista, v. 5, p. 4-18, 2009.

SOARES, M. C. Análise de enquadramento. In: BARROS, A.; DUARTE, J. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006, p. 450-465.

TELLES, H. A Direita Vai às Ruas: o antipetismo, a corrupção e democracia nos protesto antigoverno. **Revista Ponto e Vírgula**, n. 19, p.97-125, 2016.

VILLELA, M. **Ativismo digital**: Um estudo sobre blogs ativistas. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/11658/1/2012_MarinaCruzVieiraVillela.pdf. Acessado em 17/08/2018.